

RODRIGO MARQUES



FAZENDINHA



Rodrigo Marques. Cearense de Fortaleza. Nasceu em 1980. Mestre em Literatura Brasileira pela UFC, onde defendeu dissertação sobre o poeta José Albano. Coordenador do núcleo editorial da livraria e editora Cavalo Marinho. Publicou *Fazendinha* (Cavalo Marinho, Fortaleza: 2005) – Vencedor do II Edital de Incentivo às Artes do Governo do Estado do Ceará em literatura infantil.

PRIMEIRO CAPÍTULO DO LIVRO FAZENDINHA DE RODRIGO MARQUES

CAPÍTULO I: MIOLO DE POTE

A FAZENDINHA

Olha quanta fruta!
Manga, pitanga, oiti,
abacate doce, sapoti,
maçã, pêra, uva nos cachos,
tudo de jenipapo pro ar!

E olha quanta cruz!

— A Fazendinha toda é de cruz... (assoprou Maria)

E olha um Besouro Azul!

O Besouro Azul se parece comigo...

Olha lá! Um passarinho
levando palha no bico
que roubou de um chapéu
vai pousando nos fios
e não leva choque.

Vai riscando a fazenda de Maria,
fazenda de pano de linho,
do cachorro Toti e da vaca Mu,

vai fazendo zum onde não passa trem.
Olha lá, no lago!
Tibungo, caiu uma onça pintada!
Olha a minha mão,

tem um “m” de...
 tem um “m” de...
tem um “m” de...

Quem comeu a palavra “mamão”?
Foi o Boca ou foi o Fogão!?

Êpa, olha lá
um pato desgovernado!

Cuidado, seu Pato,
com o pote d’água!

Tum Tum!
Pa! Pa! To! To!
Tum Tum!
Po! Po! Te! Te!

O pato quebrou o pote... o pote quebrou o pato!

CHUVA DAS MAIS FINAS MOLHA A FAZENDINHA

Pétalas de chuva

em cachoeira

pela fazenda

de linho.

Água saindo fora pelos dois potes quebrados.

AS ÁGUAS BRINCAM NA CASINHA DE MARIA

— Quem é de molhar fica!
Quem é de correr sai!

Sou água de pote,
e no pote fico.
Me enrolo de frio
quando a noite cai.
Um sapinho me estica
quando o paninho vai.

— Quem é de molhar fica!
Quem é de correr sai!

Sou água de chuva
e meu pote, o céu.
Me guardo na nuvem
e quando a nuvem vai,
caio justo na bica
e como dói, ai, ai!

— Quem é de molhar fica!
Quem é de correr sai!

Somos águas livres
de todo pote afinal.
— Oi de casa! Oi de casa!
Acordai, acordai!
A vida é curta, Maria,
a vida é um pote a mais!

— Quem é de molhar fica!
Quem é de correr sai!

Quem é de molhar fica!
Quem é de correr sai!
E assim vai...

UM PINGO D'ÁGUA NO NARIZ

pingo pingou
mandu sarará
pingou por pingar

mandu sarará
Maria acordou
acordou pra acordar

mandu mandou
pingo pingar
e Maria acordar

Maria acordou
pingo pingou
e mandu?

mandu sarará



MARIA VAI À JANELA E CONVERSA COM A ÁGUA DA BICA

— Bom...

Zup! uma água da bica...

— Bom...

Zup! duas águas da bica...

— Espe...ra...

Zup! três águas da bica...

(Maria estica a mão e colhe um bocado de água)

— Bom dia, Água da Bica!
Para aonde vais,
para onde vai dar esta bica?

— Bom dia, amiga Maria!
Para aonde a bica vai, não sei,
mas sigo esta trilha.

— Mas me diga, Água da Bica,
para que tanta pressa,
para que tanta bica?

— A vida é curta, Maria,
quando o vento seca,
já se foi a vida...

— Mas a vida, Água da Bica,
é sempre finita. É a vida...
Para que a pressa então, amiga das bicas?

— Porque é festa, Maria!
O Pato quebrou o pote,
o Pato encharcou a vida!

— Explica melhor, amiga,

de que festa fala,
que Pato molhou a vida?

— Não sabes, Maria?
O Pato da Vila
que usa fraque de chita...

— Sim, agora sei, Água da Bica,
o que fez o tal Pato
que usa fraque de chita?

— Foi tum nos potes, Maria,
é água pra muita vida,
ele libertou as águas escondidas...

A Água da Bica escorrega da mão de Maria,
pois está atrasada para a festa das bicas.

MARIA VAI ATRÁS DO PATO APATALHOADO

Bem formiguinha, Maria vai,
que estrada molhada desfiapa mais.

Pano a pano, encontra o sapinho,
o cachorro Toti e o bem-te-vizinho...

— Oba, seu Sapo!

— Oba.....Oba.....Oba.....

— Pegue um doce de inseto que costurei pro senhor!

— Oba..... Oba..... Oba.....

O sapo engoliu de um pulo a sobremesa:

— Boa..... Boa..... Boa.....

— O senhor Sapo viu por acaso
o Pato da Vila que usa fraque de chita?

O sapo soluçou um soluço e disse:

— Por ali..... Por ali..... Por ali.....

Maria deu um beijo no sapo e o sapo
nem virou príncipe:

— Tchau.....Tchau.....Tchau.....

...

No meio do caminho tinha Toti,
tinha Toti no meio do caminho,

Toti aprendera na escola dos cachorros duas letras:
o “a” e o “u”,
e saía por aí repetindo:

— Au Au Au Au!

Maria faz cócegas
na barriga de Toti,
e Toti se espreguiça todo:

— Au Au Au Au!

Toti, que é de ponto cheio, bem feitinho,
com seu rabinho de algodão vermelho,
corre gostoso quando vê Maria...

Os dois, agora, procuram o Pato de fraque de chita,
o Pato que quebrou os potes da Vila...

(ou já esqueceram!)

Muito pano, muita estradinha de fiapo,
sempre “por ali” (como indicara o Sapo),
o guarda-chuva aberto com todas as cores.

E lá na frente,
Maria observa um Bem-te-vi
fazendo ninho numa samambaia!

— Bem-te-vi, já me viste assim, com um arco na cabeça?

— Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi!

— Bem-te-vi, já viste Toti assim,
com o rabinho de algodão encolhido?

— Bem-te-vi, To-ti-vi, bem-te-vi!

Maria fazia estas perguntas
para vê se podia confiar no Bem-te-vi.
— Bem-te-vi, já viste o Pato da Vila,

o de fraque de chita?

— Bem-que-vi, bem-que-vi, bem-que-vi!

...

Maria se assustou com um forte espirro
vindo da samambaia.
Ou foi Toti, ou foi o passarinho!?

A samambaia
espirrou de novo.

Maria olhou da raiz à cabeça e nunca vira
uma samambaia de fraque de chita,
uma samambaia de bico de pato!

Ora, era o Pato apatalhado que havia
usado a samambaia de cabeleira!

MARIA CONVERSA COM O PATO QUE, APATALHOADO, TROPEÇA NAS LETRAS

— Conta, Pato da Vila,
como quebraste os potes
e soltaste as águas escondidas?

O Pato tropeça na letra P de pipoca:

— Pipoca pipocada de pato popocador!
Fopoca das pior!
Os potes popocaram pozinhos
quando eu pum pá pum neles.

O Pato ia pra frente e pra trás,
com os pés em balanço,
com as mãos no fraque de chita,
com a samambaia na cabeça.

Toti olhava, olhava
com vontade danada..... de rir:

— Conta, Pato de Chita,
onde os pedaços dos potes,
para que eu os amarre numa liga?

O Pato tropeça na letra C de Carolina:

— Caquinhos caroçudos, coitadinhos!
Contas, colares e carinhos, quais
cores picadinhas quando eu cá cum cá neles.

O patinho de chita retirava dos bolsinhos as cores mais miúdas dos potes, impossíveis de juntar os potes novamente

— Sem pote, Pato da Vila,
a água da chuva não tem onde parar,
e a Fazendinha se encolherá de frio...

O Patinho, pensativo,
não havia pensado nisso,

e tropeçou em muitas letras...
Toti não entendeu nada...:

— Vixe! Se fraque de chita se enxuga,
de boa chita o fraque é,
se pato de chita não se enxuga,
de boa chita não é,
sendo pato e sendo chita
e sendo pato na chuva,
será pato, será chita, será é?

O Pato falou tão apatalhado que a samambaia ... caiu
Então,
Maria sentou-se numa tartaruga
para fazer-se triste um pouco:

— Sem os potes, a Fazendinha encolher-se-á à toa...

E Toti, tonto com o balanço do Pato, invertia as letras:

— Ua Ua Ua Ua!

O Pato olhava, olhava
com vontade danada..... de rir.

A TARTARUGA ENFEZADINHA SEM QUERER BOCEJA UMA SOLUÇÃO

Tar.....ta.....ruuuuuuuuu.....ga...

Hi! Maria levou um tombo no passo “ta” da tar-ta-ru-ga

— E se subir nas minhas costas
..... de novo
Direi ao Mestre..... Jabuti
.....
com quantas cascas se faz um ovo
.....
com quantos passos..... te faço cair.

— O Mestre Jabuti!

Mestre Jabuti era o mais sabido dos mais sabidos dos sábios
e se sua jabutisapiência de Mestre Jabuti
ainda não havia se encolhido
certamente sopraria uma boa-nova
para o conserto dos potes partidos...

Maria se despediu de dona Tartaruga
e saiu pela estrada
com Toti e com o Pato de fraque de chita.

A HOSPITALIDADE DO MESTRE JABUTI

Quem nesta casa chega, o
lá de fora e o lá de dentro
passam a viver um só momento.

Pois a casa quando aberta o
de fora passa pra dentro e o
de dentro passa pra fora.

Pois a casa quando presa,
o de dentro vive solto e
o de fora vive dentro.

E quem nesta casa entra,
entra pra fora da casa
ou sai pra dentro do fora?

Quem de dentro dela sai,
sai de dentro deste fora ou
sai pra fora deste dentro?

Mestre Jabuti na porta:
— Quem é de fora fica,
quem é de dentro sai!



MARIA CONVERSA COM MESTRE JABUTI, QUE LHE DÁ A VIOLA DO DIÁLOGO

— Olá, Maria! Aqui dentro a chuva está escancarada. Passe pra fora...

A casa de Mestre Jabuti não era grande, mas cabia muita coisa: uma escrivaninha, um cabide, um baú, uma rede, um copo d'água, um relógio antigo (tão antigo que nem mais havia tempo dentro dele), dois cascos extras, três panelas, um Passarinho Carrancudo, uma janela aberta, um afinador de palavras, uma pena, uma lata de pêssegos, uma bacia, um refrigerador, um videogame e a coleção inteira de Monteiro Lobato.

— Maria, ainda bem que você chegou, eu já estava preocupado; mas antes que você me diga que o Pato de Chita quebrou os potes da Vila e antes que eu lhe diga que vá chamar o Sol lá das férias do Além-Nuvens, leia, por favor, esta estória que escrevi; minha vista está horrível e até agora não sei o que diz aqui.

O Mestre Jabuti entregou à Maria uma folhinha de bananeira com algumas palavrinhas escritas...

A FORMIGUINHA

Era uma vez uma formiguinha que não passava de uma formiguinha, mas trazia na sacola uma idéia tão cabeçuda que, mal saía para o seu passeio, a idéia também se punha a passear e, mais do que isso, corria na frente, pulava e cantava que era uma coisa demais.

E a formiguinha que não passava de uma formiguinha tanto não sabia mais o que fazer que acabou fazendo mais do que sabia.

E nunca mais foi-se embora para sempre.

Horácio Dídimo

Quando a menina acabou de ler, o Pato de Chita, que era metido a poeta e a crítico literário, bateu penas e palmas, dizendo que o Mestre Jabuti era um gênio, que não lhe faltava a graça e o gesto do bom escritor. Mas quem realmente lera, ou seja, Maria, não havia entendido nada, muito menos a assinatura do Mestre Jabuti, um tal de Horácio Dídimo...

— Horácio é meu pseudônimo e a formiguinha é minha amiga. Mas me conte Maria o que lhe traz aqui, fora da minha casa?

— Sabe que é, seu Mestre? O nosso amigo Pato fez “tum” nos potes, e agora nada mais segura as águas. Os pozinhos dos

potes ficaram impossíveis de juntar potes novamente, e se tudo continuar assim a Fazendinha vai desaparecer...

— Sei, sei, Maria... O pior é que estamos no período de férias do Sol. Se ele estivesse aqui, encheria o peito até brilhar mais que o dia e aí tudo ficaria sequinho, sequinho, clarinho, clarinho...

Maria acha um absurdo o Sol tirar férias. Onde já se viu, já não basta passar a noite toda dormindo?!

— Como ia dizendo, o Sol detesta ser incomodado, mas quem sabe falando com jeitinho, com cuidado para não queimar a língua, você pode convencê-lo a voltar...

Mestre Jabuti foi até o baú e retirou a *Viola do Diálogo* e entregou à Maria:

— Pegue, Maria, era do meu amigo Ceg'aderaldo, fique com ela, pode ser que a viola lhe ajude na conversa do Sol.

A menina agradeceu e perguntou ao Mestre como chegaria lá; o Jabuti, que estava louco para jogar videogame, disse que ela fosse falar com o Caranguejo Gigante que mora bem mais pra lá, depois das botas, ele sim saberia como.

Maria saiu para dentro da casa e foi-se embora para sempre com uma idéia tão cabeçuda que Toti latiu cismado...

— Au Au Au?

COMO ENCONTRAR O LIVRO:

Editora e Livraria Cavalo Marinho
Rua Senador Pompeu, 2764-B, José Bonifácio
Fortaleza – Ceará
CEP: 60025-002
Fone: (85) 3214 52 88
cavalomarinhoeditora@uol.com.br